

6.00.00.00-7 - CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS

6.05.00.00-0 – PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL

OS BOLIVIANOS NOS BAIROS DO BOM RETIRO, BRÁS, PARI E A PRODUÇÃO DA ALTERIDADE: COMO SÃO VISTOS PELA VIZINHANÇA?

FABIO MARTINEZ SERRANO PUCCI

Curso de Ciências Sociais – Faculdade de Ciências Sociais – PUCSP.

PROFA. MAURA PARDINI BICUDO VÉRAS

Departamento de Sociologia da Faculdade de Ciências Sociais - PUCSP

RESUMO: *Os Bolivianos nos Bairros do Bom Retiro, Brás e Pari e a Produção da Alteridade* é um projeto construído a partir da preocupação com as condições de vida dos bolivianos em São Paulo. O principal objetivo da pesquisa é caracterizar o olhar da sociedade receptora sobre estes imigrantes e conhecer as condições de vida e as relações de aproximação e afastamento – em suma, de alteridade na cidade. Baseando-nos em reflexões sobre a cidade, metrópole, imigração, trabalho, sociabilidade e habitação – canalizando para as questões do estranhamento e da alteridade –, concluímos que os bolivianos são vistos como o “outro” pela sociedade receptora. PIBIQ-CNPq

Palavras chave: Bolivianos, Imigração, Alteridade.

1. Introdução

O tema da Alteridade me despertou o interesse porque o estrangeiro exerce sobre mim uma espécie de fascínio. Vivi isso quando vi um grupo de bolivianos caminhando pelo parque da Luz, em uma noite de características

especiais, onde ele estava todo iluminado, com velas acesas por todos os lados, em uma espécie de show *new age*¹. Em alguns locais da praça artistas desempenhavam *performances* pirotécnicas que hipnotizavam o público. Gostei de ficar ali sentado vendo aquilo. Naquela ocasião vi um grupo de bolivianos, o que despertou a minha imaginação: da onde viriam? Será que viviam nos “subterrâneos” da cidade e apareciam apenas nestas ocasiões? Depois os associei com alguns seres do filme *Delicatessen*², que surgem dos subterrâneos durante a madrugada para buscar alimentos, principalmente grãos, como milho e arroz. Uma comunidade de humanos vestidos de ratos, muito bem organizados. Lembrei-me de uma lenda urbana que afirma que em algum lugar do túnel da Avenida Nove de Julho que passa embaixo do MASP e da Av. Paulista existe uma passagem para uma parte subterrânea da cidade, que haveria sido construída junto com a linha verde do metrô, mas depois abandonada. Então, minha imaginação me levou a pensar que ali viveriam aqueles bolivianos.

Depois deste dia, passei a me interessar mais pelos bolivianos, e quando houve a Anistia de 2009³, prestei voluntariamente – na Praça Kantuta – informações aos imigrantes sobre os documentos necessários para o pedido, em um mutirão criado pela Defensoria Pública da União. Então, desenvolvi meu projeto de Iniciação Científica (PUCCI, 2011)⁴, em que analisei como são vistos os bolivianos pelos seus vizinhos. O presente artigo traz as principais conclusões da pesquisa desenvolvida como projeto de iniciação científica.

Elaborou-se um *plano de pesquisa de campo*, com o objetivo de criar grupos de entrevistados, a saber: professores e diretores de escolas públicas, comerciantes e comerciários, vizinhos e profissionais que lidam no dia a dia

¹ Neste dia o parque da Luz estava todo iluminado à luz de velas, durante a *Virada Cultural de 2009, no Ano da França no Brasil*.

² *Delicatessen* (1991, França), dirigido por Jean-Pierre Jeunet e Marc Caro.

³ A Anistia de 2009 foi uma lei criada pela União para regularizar a situação de imigrantes indocumentados, ingressos no país até 01 de fevereiro de 2009.

⁴ Vinculado ao projeto de VÉRAS (2009): *Alteridade e Segregação em São Paulo: habitações da pobreza e a produção do “OUTRO”*. *Vínculos e Rupturas*. Projeto de Pesquisa aprovado pelo CNPq, período 2010-2014.

com os bolivianos. E também com o grupo dos próprios imigrantes. Realizou-se cerca de dez entrevistas com cada tipo de entrevistado.

Então, firmaram-se *roteiros de entrevista* com perguntas abertas para cada tipo de entrevistado, procurando abordar o tema da discriminação. Serviu-se do método “snowball”, em que cada entrevistada indica outros em potencial.

Por fim, utilizou-se do método estatístico para analisar em que distritos da cidade de São Paulo estão concentrados os imigrantes bolivianos. Selecionaram-se os bairros do Brás, Bom Retiro e Pari para a realização das entrevistas, pois neles se encontram os principais pontos de sociabilidade, moradia e trabalho dos bolivianos. As entrevistas realizaram-se de setembro de 2010 a maio de 2011.

A obra *A Imigração ou os Paradoxos da Alteridade*, de Abdelmalek Sayad, foi a principal referência do trabalho. Este autor trabalha com o paradoxo de ser um imigrante. Adentrando um pouco mais ao tema principal da pesquisa, a alteridade, fundamentou-se em Elias e Scotson (2000), em *Os Estabelecidos e os Outsiders*, que analisa a estigmatização como ferramenta para afastar os indesejados da concorrência pelo poder. Trabalhou-se também com Stuart Hall (2003) e Michel Wieviorka (2006) para desenvolver as noções de “identidade cultural”, (in)tolerância, reconhecimento das diferenças e o próprio racismo. Quanto mais um grupo está segregado, mais ele reforça o discurso do racismo. Para trabalhar com “segregação” baseou-se em Marques (2005). Ele a conceitua como *separação e desigualdade de acesso*.

2. Apresentação dos resultados da pesquisa

El Alto (departamento de La Paz) é uma cidade com importante papel na migração interna boliviana. Um terço de sua população não é originária da cidade (XAVIER, 2009) e sofreu um crescimento de 200% na década de 1980 para 1990 (SILVA, 1997). É uma cidade com um milhão de habitantes, onde 75% deles são de origem aimará – contra 25% de aimarás entre a população

total da Bolívia. Portanto, há uma concentração importante da população da etnia aimará nesta cidade. Além disso, 97% de sua população é urbana.

Segundo Xavier (2009), o maior fluxo de bolivianos para São Paulo provém desta cidade. Primeiro porque ela atrai um grande fluxo de migração interna⁵. Depois, porque esta cidade apresenta uma especialização muito evidente no ramo da costura e produção têxtil (XAVIER, 2009), mesmo setor econômico em que os bolivianos costumam empregar-se em São Paulo.

Em São Paulo, a maior concentração de bolivianos está nos bairros do Belenzinho, Bom Retiro, Brás e Pari⁶. Segundo Silva (2003), se deu na última década um processo de *feminização* do processo imigratório – um efeito cuja causa, para o autor, é a *consolidação* da imigração boliviana em São Paulo. Para o autor, se trata de uma migração econômica e de caráter familiar. Nesta cidade, ainda segundo o autor, empregam-se rapidamente no ramo da costura, pois o seu “grupo étnico” facilita a sua inserção.

A pesquisa foi norteadada por dois eixos: a questão da moradia e da alteridade. Sobre o primeiro assunto, procura-se analisar até que ponto as condições de moradia implicam em uma maior estigmatização por parte dos entrevistados. A primeira questão que surgiu na fala dos entrevistados foi a da precariedade destas moradias:

Quer dizer, a questão da insalubridade, da ventilação, da segurança, enfim, dos fios de eletricidade pra todo lado. Essa coisa, quer dizer, as condições são precárias. (Sidney A. da Silva)

⁵ Silva (1997) afirma que há quatro tipos de migração dentro da Bolívia: 1) a migração rural-urbana; 2) a migração rural-rural; 3) a migração *golondrina* (de pessoas que migram em busca de algum recurso e, depois de satisfeitos, retornam ao lugar de onde vieram); 4) migração urbana-urbana: “que se dá entre as cidades de médio porte em direção a uma cidade maior, dentro do próprio país, e daí para outros centros urbanos no exterior, particularmente para Buenos Aires, Miami, Nova York, São Paulo, etc.” (SILVA, 1997, p. 82). A migração do quarto tipo é a que melhor se adequa à cidade de *El Alto*, embora isso não exclua a possibilidade dela atrair os outros três tipos de migrantes.

⁶ Dados do Censo de 2000 (IBGE).

Percebemos que, para além deste problema, os bolivianos vivem amontoados, o que gera alguns problemas de sociabilidade, como a ausência de privacidade para os casais, bem como a falta de espaço de lazer para as crianças.

São ambientes pequenos. Não só as salas nas quais estão as máquinas de costurar. Eles estão próximos uns aos outros e estão no beliche, ou seja, uma pessoa dorme lá, a outra dorme aqui. Então, é uma familiaridade, uma sociabilidade forçada que não é fácil e que geram muitos problemas. (C., psicóloga).

Este confinamento em um espaço pequeno é intensificado pelo medo que os bolivianos têm de sair na rua, e do pouco convívio com os brasileiros. Por isso, muitas vezes ocorrem casos como: o abuso sexual entre eles ou com o envolvimento do patrão, a falta de higiene, a violência contra a mulher, os acidentes com crianças, a tuberculose, bem como outros em que os patrões impedem os empregados de saírem às ruas. Muitas vezes estes problemas não são resolvidos porque os imigrantes têm medo de entrar em contato com um profissional capacitado, como um médico no caso de uma doença, e um policial no caso de violência. Essas condições de moradia repercutem na maneira como o boliviano é visto:

Moradia de escravo. Precária, é lógico que é precária. Os caras dormem no chão, tudo amontoados. Sabe, eu vejo as pessoas que entram aqui do lado. Sê vê que é isso aí. (Vizinho, Pari)

O principal estigma que eles sofrem provém de sua origem indígena. Entretanto pode-se perceber que as condições de moradia se associam ao imaginário que se faz deles, reforçando o preconceito. O fato de dormirem amontoados, – um grande número em um espaço pequeno – é associado à

sua pobreza e à precariedade do seu trabalho. Portanto, quanto maior a proximidade da vizinhança, mais se associa a habitação a um fator de estigma.

Elaborou-se um quadro com as três principais formas pelas quais os brasileiros manifestam – ou não – o seu preconceito em relação aos bolivianos⁷. O uso do tipo ideal não tem a pretensão de esgotar o assunto, mas antes de ser um instrumento para melhor compreender nosso objeto de estudo. Alguns entrevistados se aproximam muito de um tipo ideal em específico. Entretanto, existem outros que se aproximam de mais de um tipo ideal, dependendo do fator que estamos analisando. Assim, esta construção não visa classificar os entrevistados, mas as suas respostas.

O “sujeito fanático”, em geral vê os bolivianos como escravos, colocando-os como vítimas. A seguinte fala exemplifica isto:

Porcos, muito porcos. Muito... E muito escravo. Eles são muito escravizados. (...) Mas eles são sem cultura. Eles não têm um mínimo de civilização.(...) Pra nós são coitados. (Vizinho do Brás, aposentado).

Esta é a maneira pela qual um vizinho “fanático” se refere à questão do trabalho. Primeiro ele desqualifica os bolivianos com o estigma da escravidão, distinguindo entre “nós” – livres e com uma legislação trabalhista, e “eles” – que se submetem a condições de trabalho semelhantes a da escravidão. Além disto, este vizinho acrescenta o estigma da origem indígena, associando isto a uma *ausência de cultura* e a um *estágio anterior de civilização*, como povos primitivos ou bárbaros.

⁷ Baseou-se no artigo de Cárdenas que tem como objetivo “estudar as formas que assume o preconceito para com os imigrantes de origem boliviana” (CÁRDENAS, 2006, n. p.). Este autor define duas formas de preconceito: *sutil* e *manifesto*. Três sujeitos são definidos por ele: 1) o *sujeito fanático*: são abertamente hostis aos grupos minoritários, manifestam-se de forma agressiva e sem pudores; 2) o *sujeito sutil*: se utiliza da defesa dos valores tradicionais, o exagero das diferenças culturais e a indiferença em relação aos bolivianos como uma estratégia para manter o *status quo*; 3) o *sujeito igualitário*: defende os direitos deste grupo, bem como sua melhoria de vida.

Quadro 1 – Tipologia das formas de preconceito e os sujeitos correspondentes

Como veem...	“Sujeito fanático”	“Sujeito sutil”	“Sujeito igualitário”
<i>o Trabalho dos bolivianos?</i>	Em geral, afirmam que são todos escravos. Não os qualificam como trabalhadores.	São trabalhadores, porém escravos. Qualificam-nos como “coitados”, mas dão ênfase à sua garra.	Defendem as suas preferências. Não os veem como vítimas, dando ênfase à sua autonomia.
<i>a Cultura e os hábitos dos bolivianos?</i>	Os qualificam como “porcos”. Utilizam sua origem indígena para afirmar que são menos civilizados.	Fazem menção ao fenótipo dos bolivianos e aos seus hábitos de higiene de forma negativa, porém de maneira mais sutil.	Aceitam as diferenças culturais. Procuram conscientizá-los sobre os hábitos e costumes mal vistos pelos brasileiros.
<i>As festas e feiras?</i>	Eles estariam trazendo a criminalidade para o bairro. Fazem muita sujeira, bebem demais e até tarde.	Fazem menção aos roubos de que os bolivianos são vítimas quando ficam bêbados nas festas, e reclamam do seu barulho e falta de modos.	Enriquecem a cultura da cidade. São vistas como festas bonitas, animadas e autênticas. Fazem pouca menção à bebida, ao barulho, à sujeira e aos roubos.
Como se posicionam...	“Manifestos”	“Moderados”	“Igualitários”
<i>diante da convivência com os bolivianos?</i>	Não fazem nenhum esforço para tornar esta convivência mais suportável, criando atritos desnecessários e manifestando abertamente o seu preconceito e ódio contra os imigrantes.	Convivem com eles pacificamente, desde que se adaptem ao nosso modo de vida. Evitam criar atritos desnecessários, porém não costumam andar na companhia de bolivianos.	Mantém uma relação mais próxima com eles. Frequentam as suas festas. São mais solidários e procuram criar um diálogo, negociando a sua diferença com o Outro.
<i>frente à política migratória do país?</i>	São a favor do fechamento das fronteiras e defendem a extradição dos que já estão aqui. Achem que o governo deveria privilegiar o acesso de brasileiros aos serviços públicos.	Em geral, são a favor da regularização dos bolivianos no país e defendem apenas um maior controle na entrada de novos imigrantes. A favor da criação de impostos para os imigrantes.	Abertura das fronteiras, regularização dos indocumentados, maior acesso às políticas públicas, voto, autonomia, informação e cidadania. A favor de uma legislação menos punitiva.
<i>em relação à concorrência por trabalho?</i>	Veem a concorrência com eles como desleal, porque aceitam péssimas condições de trabalho.	A maioria não acredita que os bolivianos estejam ocupando os empregos dos brasileiros.	Não estão ocupando o trabalho dos brasileiros, porque estes não se interessam por um trabalho precário.

<i>Exemplos das categorias de entrevistados que mais se enquadram em cada tipo</i>	Vizinhos e alguns comerciantes.	Comerciantes, comerciários, alguns vizinhos, professores e diretores das escolas, além de alguns visitantes das feiras.	Padres, professores e diretores, visitantes das feiras, profissionais que trabalham com eles, e pouquíssimos vizinhos.
--	---------------------------------	---	--

Fonte: Elaboração própria.

A única coisa que eu vejo é que... agente vê nas reportagens e as próprias pessoas que sabem. Aqui do Brás, do Bom Retiro. Esses coitados sofrem, uns escravos. (Comerciante do Brás).

Neste depoimento ainda percebe-se a *vitimização* dos bolivianos pela sua condição de escravo. Mas, diferentemente do vizinho “fanático”, esta comerciante não se serve deste estigma para menosprezá-los. É interessante notar como ela legitima a escravidão dos bolivianos referindo-se às reportagens veiculadas nos meios de comunicação, como se o que transmitissem fosse uma verdade incontestada. Ela poderia ser vista como “sujeito igualitário” em alguns aspectos, pois parece querer ajudar os bolivianos. Porém, há uma diferença fundamental entre a maneira pela qual ela vê os bolivianos da dos “sujeitos igualitários” – o que a torna um “sujeito sutil”.

(...) quando a imprensa fala que o trabalho escravo, não sei o que, dá impressão que o patrão é um carrasco, um explorador, um senhor de escravos e o coitadinho do boliviano é a vítima [...] Mas enfim, os trabalhadores são coniventes. E eles também tem as formas de burlar, quando eles não querem mais, eles vão embora ou rompem o contrato. Vão buscar outro patrão, etc. Quer dizer, não é uma submissão total. (Sidney Antonio da Silva, antropólogo).

Silva percorre um caminho distinto dos outros dois tipos ideais. Ele está preocupado em desmistificar a relação do boliviano com o seu patrão: o primeiro sempre visto como um coitadinho e o último um explorador. Ele respeita a autonomia dos bolivianos, ou o seu direito de ter preferências

(BAUMAN, 1999). Segundo este autor, “só posso respeitar a minha própria diferença respeitando a diferença do outro.” (BAUMAN, 1999, p. 249). Esta diferença é fundamental, pois torna os bolivianos sujeitos de sua própria história, rompendo com a *vitimização* presente na mídia e nos interlocutores acima mencionados. Portanto, ele é um “sujeito igualitário”.

Já se distinguiu como cada tipo vê a questão da escravidão. Nesta etapa objetiva-se analisar as diferenças destes grupos na maneira pela qual se referem à origem dos bolivianos. O discurso dos “sujeitos igualitários” é o mais fácil de caracterizar, pois não procura reduzir a multiplicidade de outros à unidade do mesmo. Eles não veem o outro como um obstáculo para a realização do Eu, mas antes como uma possibilidade de projetar este Eu para um fim que o transcende, o Outro. Entretanto, os “sujeitos sutis” e os “sujeitos fanáticos” se confundem mais. Objetiva-se, portanto, analisar as suas principais diferenças.

Para começar, ambos compartilham um ponto: almejam reduzir a multiplicidade dos outros à unidade do mesmo. Porém, o que os distingue é a estratégia de que se utilizam para obter este mesmo fim. Os “fanáticos” acreditam que podem alcançar este objetivo criando atritos com o grupo dos bolivianos, por isso são os mais agressivos entre os três tipos. Utilizam-se da força para reduzir as diferenças do outro ao máximo. Isto acaba gerando alguns atritos desnecessários como o exemplo que se segue:

Eu não sei se vocês sabem que aqui tem uma feirinha de boliviano no sábado. Essa feira é muito boa até as oito horas da noite. Porque é família... Depois só fica boliviano pinguço e nóia. Aí, se chama a polícia... Eu já não chamo mais. Porque eu to manjado disso, diz que eu sou xerife da rua, aí prometeu me matar. (Vizinho, Brás).

Este vizinho é radical em sua pregação contra o grupo de bolivianos. Ele é o “manifesto” por excelência, pois não esconde o seu desagrado com este grupo de imigrantes, chegando a afirmar que “de cada dez bolivianos, onze são ruins”. Não que ele seja mais ou menos racista que os “sujeitos sutis”, mas ele

não procura dissimular esta prática. Ele defende políticas governamentais mais punitivas, como a deportação de todos os imigrantes bolivianos e a total proibição de entrada pelas fronteiras. Analisam-se, a seguir, quais as características dos “fanáticos” que os distingue dos “sutis”.

*Eles ainda estão com aquelas **origens das tribos indígenas** que eles são. Os maias, né, origem dos maias. Das tribos, né. E tem aqueles **costumes** deles. Então você se sente um pouco **descolado** por ser brasileiro e ver as pessoas diferentes. (...) E povo de cultura indígena não tem o mesmo tipo de **formação – acadêmica** – do que nós (...). Então os caras já vêm lá das **montanhas**, das **tribos** deles, (...) porque lá eles estão **miseráveis**. (Vizinho, Pari).*

Ele manifesta o seu incômodo diante da diferença, um sentimento de deslocamento. A sua estratégia para se livrar deste incômodo não é tanto o uso da *força*, mas antes a adoção de uma prática *sutil* de preconceito. Ele exagera a diferença do *Outro*, a tornando irreduzível e, portanto, *inassimilável*. Para HALL (2003), há uma diferença entre “racismo” e “etnicidade”⁸.

O discurso deste vizinho se serve da “etnicidade” para justificar as diferenças do *Outro*. No entanto, mesmo neste tipo de discurso há um componente biológico e genético. Estas diferenças mencionadas se manteriam de geração a geração “pelo parentesco e pelas regras de matrimônio endógamo, que garantem ao grupo étnico a manutenção de sua ‘pureza’ genética e, portanto, cultural.” (HALL, 2003, p. 70). Assim, tanto o “racismo” quanto a “etnicidade” “não constituem dois sistemas distintos, mas dois registros do racismo.” (HALL, 2003, p. 71).

Da mesma forma, WIEVIORKA (2006) atenta para a prática de um “racismo renovado”⁹. No depoimento acima, o vizinho pratica este tipo de

⁸ [O primeiro] “tenta justificar as diferenças sociais e culturais que legitimam a exclusão racial em termos de distinções genéticas e biológicas, isto é, natureza. (...) Já a ‘etnicidade’ gera um discurso em que a diferença se funda sob características *culturais e religiosas*.” (HALL, 2003, p. 69-70).

⁹ “Esse racismo renovado diz de seus alvos e de suas vítimas que elas são diferentes culturalmente, irreduzivelmente diferentes, fundamentalmente incapazes de integrar-se à sociedade e de partilhar os valores do grupo dominante.” (WIEVIORKA, 2006, p. 143).

racismo, pois reduz a diferença do *Outro* a uma substância que não pode ser assimilada. Portanto, para este vizinho, os bolivianos são fundamentalmente incapazes de integrar-se à sociedade brasileira devido à sua origem indígena.

No que diz respeito ao posicionamento político, os “sujeitos sutis” são a favor da regularização dos bolivianos no país, desde que paguem impostos e se adaptem a nossa cultura – o que os distancia da posição radical tomada pelos “sujeitos fanáticos”.

3. Considerações Finais

Os vizinhos formam o grupo com o maior número de “sujeitos fanáticos”, em geral homens adultos. Entre as vizinhas e os mais jovens costuma-se encontrar mais “sujeitos sutis”, ou até mesmo “sujeitos igualitários”. Este fato se deve, em parte, pela proximidade com o grupo de bolivianos, obrigando os vizinhos a desenvolverem alguma estratégia de convivência.

Constatou-se que os vizinhos escolheram o recurso da *estigmatização*. Para entender melhor este processo, consideremos a relação bolivianos-brasileiros por meio da figuração *estabelecidos-outsiders*¹⁰. Segundo a pesquisa de ELIAS e SCOTSON (2000), “a exclusão e a estigmatização dos outsiders pelo grupo estabelecido eram armas poderosas para que este último preservasse sua identidade e afirmasse sua superioridade, mantendo os outros firmemente em seu lugar.” (ELIAS & SCOTSON, 2000: 22).

As informações coletadas demonstram que a estigmatização dos bolivianos nos bairros do Brás e do Pari revelam uma necessidade dos vizinhos de se afirmarem diante dos imigrantes bolivianos. O mesmo não ocorre com os demais grupos – com exceção de uma costureira e uma comerciante que se viram prejudicadas em suas atividades econômicas por causa da presença dos imigrantes. Portanto, na atual conjuntura, a proximidade física explica mais o

¹⁰ Os estabelecidos formam um grupo que se vê e é visto como a “boa sociedade”. Ou seja, que reivindica a si serem melhores homens do que os outsiders. Este grupo partilha de uma tradição em comum e possui muita influência. Já o grupo dos outsiders é formado por pessoas que são estigmatizadas por pertencerem a este grupo. É um grupo que não tem uma memória e uma tradição em comum, o que os torna bastante desintegrados. Eles são considerados pelos estabelecidos como marginais, sujos e principalmente desordeiros. Ambos os grupos formam identidades sociais distintas e complementares. Os estabelecidos só formam a “boa sociedade” porque os outsiders compram essa ideia e veem a si próprios como humanamente inferiores. (ELIAS E SCOTSON, 2000).

preconceito aos imigrantes do que os fatores concorrenciais – por emprego, por exemplo.

Além disso, constata-se que os bolivianos incorporam um sentimento de inferioridade, pois reproduzem individualmente o discurso do grupo dominante. É um caso de um boliviano que afirma que “os brasileiros deram uma mão e os bolivianos pegaram a mão inteira”. Para ELIAS (2000), os indivíduos do grupo estabelecido podem fazer com que os indivíduos *outsiders* se sintam humanamente inferiores¹¹. Portanto, é preciso estudar como se dá este processo.

REFERÊNCIAS:

BAUMAN, Zygmunt. (1999). *Modernidade e Ambivalência*. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.

CARDENAS C, Manuel. «Y VERÁS COMO QUIEREN EN CHILE...»: Un estudio sobre el prejuicio hacia los inmigrantes bolivianos por parte de los jóvenes chilenos. *Ultima década.*, Santiago, v. 14, n. 24, jul. 2006 . Disponível em <http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-22362006000100006&lng=es&nrm=iso>. acessado em 27 marzo 2011. doi: 10.4067/S0718-22362006000100006.

ELIAS, N. e SCOTSON, L. (2000). *Estabelecidos e outsiders*. São Paulo, Zahar.

HALL, S. (2003). *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Org. Liv Sovik ; trad. Adelaine La Guardia Resende et al. Belo Horizonte : UFMG - Brasília : Representação da UNESCO no Brasil.

MARQUES, Eduardo. (2005a). “Elementos conceituais da segregação, da pobreza urbana e da ação do Estado”. In: MARQUES, Eduardo & TORRES, Haroldo (organizadores), *São Paulo: segregação, pobreza e desigualdades sociais*, São Paulo: Editora Senac São Paulo.

PUCCI, Fabio Martinez Serrano. (2011). *A Inserção dos Bolivianos nos bairros do Bom Retiro, Brás e Pari e a Produção da Alteridade: como são vistos pela vizinhança*. **Relatório Científico**, São Paulo, CNPq. 316p.

SAYAD, Abdelmalek. (1998). *A Imigração ou os Paradoxos da Alteridade*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.

¹¹ Segundo ELIAS (2000), isto ocorre pela desigualdade existente na relação de poder entre os dois grupos.

SILVA, S. A. da. (1997). *Costurando Sonhos – Trajetória de um grupo de imigrantes bolivianos em São Paulo*. São Paulo, Paulinas.

_____. (2003). *Virgem/Mãe/Terra: Festas e Tradições Bolivianas na Metrópole*. São Paulo: HUCITEC/ FAPESP.

WIEVIORKA, Michel. (2006). *Em que mundo viveremos?* Trad. Fabio Landa e Eva Landa. São Paulo, Perspectiva.

VÉRAS Maura Pardini Bicudo. (2009). *Alteridade e Segregação em São Paulo: habitações da pobreza e a produção do "OUTRO". Vínculos e Rupturas*. Projeto de Pesquisa aprovado pelo CNPq, período 2010-2014.

XAVIER, I. R. (2009). "A Cidade de *El Alto* e os Fluxos de Bolivianos para São Paulo". **Travessia**. São Paulo, ano XXII, nº. 63, jan./abr.